

III.15. Ripensare il Portogallo oggi: iper-identità, semiperiferia e Europa

Testo 15.2 **Boaventura de Sousa Santos, [Le 11 tesi] da Onze teses por ocasião de mais uma descoberta de Portugal (1993), in *Pela Mão de Alice, Afrontamento, Porto, pp. 49; 53; 58-59.***

1. Portugal é um país inteligível.

Portugal é geralmente considerado, tanto por estrangeiros como pelos próprios portugueses, um enigma, uma sociedade paradoxal. Ainda recentemente Hans Magnus Enzensberger se perguntava como é que Portugal, sendo um dos países menos desenvolvidos da Europa, é capaz de tanta utopia (do sebastianismo à revolução de 25 de abril de 1974), a tal ponto que seria certamente uma grande potência numa «Europa dos desejos» (1987). Muito antes dele, há pouco mais de cem anos, Antero de Quental exclamava num tom mais pessimista: «Nunca povo algum absorveu tantos tesouros, ficando ao mesmo tempo tão pobre».

Apesar de ser um país europeu e de os portugueses serem tidos por um povo afável, aberto e sociável, é Portugal considerado um país relativamente desconhecido. Apesar de ser um país com longa história de fronteiras abertas e de «internacionalismo» — das descobertas dos séculos XV e XVI à emigração dos anos sessenta —, é considerado um país exótico, idiossincrático. Desconhecimento e exotismo são, pois, temas recorrentes quando se trata de propor uma apreciação global do país e do seu povo. Geralmente crê-se que o exotismo é a causa do desconhecimento. Eu avanço a hipótese oposta, a de que o exotismo é um efeito do desconhecimento. Por outras palavras, sabe-se pouco sobre Portugal e, por isso, se considera ser Portugal um país relativamente exótico.

5. Portugal é uma sociedade de desenvolvimento intermédio. A sua análise é particularmente complexa e não é possível sem ousada inovação teórica.

Para além das dificuldades institucionais, as ciências sociais defrontam em Portugal algumas dificuldades teóricas. Portugal é uma sociedade de desenvolvimento intermédio. Algumas características sociais (taxa de crescimento populacional, leis e instituições, algumas práticas de consumo, etc.) aproximam-na das sociedades mais desenvolvidas, enquanto outras (infra-estruturas colectivas, políticas culturais, tipo de desenvolvimento industrial, etc.) a aproximam das sociedades menos desenvolvidas. Ora, as teorias e as categorias analíticas utilizadas pelas ciências sociais para caracterizar os processos e estruturas sociais foram criadas tendo em vista, quer as sociedades centrais ou mais desenvolvidas (o chamado primeiro mundo), quer as sociedades periféricas (o chamado terceiro mundo), e adaptam-se mal a caracterizar sociedades intermédias, como Portugal. Se tomarmos em conta os indicadores sociais normalmente utilizados para contrastar o primeiro e o terceiro mundos (classes sociais e estratificação social; relações capital/trabalho; relações Estado/Sociedade civil; estatísticas sociais; padrões de consumo ou de reprodução social, etc.) conclui-se facilmente que Portugal não pertence a nenhum desses mundos.

Na ausência de adequada inovação teórica, corre-se o risco de analisar a sociedade portuguesa pela negativa, por aquilo que ela não tem quando comparada quer com as sociedades centrais, quer com as sociedades periféricas. Tal negatividade é uma outra forma de desconhecimento e por isso também campo fértil de análises míticas e de estipulações de exotismo, que são, neste caso, efeitos da inadequação dos instrumentos analíticos. A inovação teórica visa captar a especificidade das nossas práticas sociais, económicas, políticas e culturais de molde a convertê-las em potencialidades universalizantes num sistema mundial caracterizado pela concorrência interestados.

Não se trata de insuflar nacionalismos reactivos ou reacionários, mas de medir riscos e identificar — se não mesmo, inventar — oportunidades numa dinâmica transnacional cada vez mais volátil. Em 1762, Rousseau criticava, em *O contrato social*, Pedro Grande da Rússia por não respeitar a identidade nacional russa: «Quis fazer alemães, ingleses quando era preciso começar a fazer russos; impediu os seus súditos de se tornarem alguma vez no que eles poderiam ser, persuadindo-os de que eram o que não são». É conhecida a reação encolerizada que esta apreciação de Rousseau suscitou em Voltaire. Entre as posições destes dois ilustres *philosophes* é necessário identificar a dialética do nacional e do transnacional, do local e do universal. Afinal Afonso Duarte vislumbrou-a em dois versos lapidares:

«Quero ser europeu: quero ser europeu
Num canto qualquer de Portugal».

7. Portugal é uma sociedade semiperiférica. Findo o ciclo do império, está a re-negociar a sua posição no sistema mundial. Não é possível que num futuro próximo seja promovido ao centro do sistema ou despromovido para a sua periferia. É mais provável que a sua posição intermédia se consolide em novas bases.

Referi na tese 5 que o conjunto dos indicadores sociais (no sentido mais amplo) confere à sociedade portuguesa o estatuto de sociedade de desenvolvimento intermédio ou semiperiférico no contexto europeu, um estatuto que partilha com a Grécia, a Irlanda e, até certo ponto, com a Espanha. As sociedades de desenvolvimento intermédio exercem uma função de intermediação no sistema mundial, servindo simultaneamente de ponte e de tampão entre os países centrais e os países periféricos. O seu padrão de especialização, por exemplo, tende a ser dominado pelas produções que se desvalorizam no plano internacional e que portanto deixam de interessar aos países centrais, como pode ser paradigmaticamente ilustrado com o caso da produção têxtil nos últimos cinquenta anos.

No caso de Portugal, a função de intermediação assentou durante cinco séculos no império colonial. Portugal era o centro em relação às suas colónias e a periferia em relação à Inglaterra. Em sentido menos técnico, pode dizer-se que durante muito tempo foi um país simultaneamente colonizador e colonizado. Em 25 de Abril de 1974 Portugal era o país menos desenvolvido da Europa e ao mesmo tempo o detentor único do maior e mais duradouro império colonial europeu.

O fim do império colonial não determinou o fim do carácter intermédio da sociedade portuguesa, pois este estava inscrito na matriz das estruturas e das práticas sociais dotadas de forte resistência e inércia. Mas o fim da função de intermediação de base colonial fez com que o carácter intermédio que nela em parte se apoiava ficasse de algum modo suspenso à espera de uma base alternativa. Essa suspensão social permitiu que no pós-25 de Abril (entre 1974-1976) fosse social-

mente credível a pretensão de Portugal de se equiparar aos países centrais e, mesmo em alguns aspectos, de assumir posições mais avançadas que as deles. Em 1978, o FMI destruiu a credibilidade dessa pretensão. Desde então, Portugal entrou num período de renegociação da sua posição no sistema mundial, procurando para ela uma base que preenchesse o vazio deixado pela derrocada do império. No início da década de 80 era já claro que essa base teria como elemento fundamental a integração na comunidade europeia.

Porque a UE é o centro de uma das três grandes regiões do sistema mundial – os centros das outras regiões são o Japão e os EUA – a integração na UE tende a criar a ilusão credível de que Portugal, por se integrar no centro, passa a ser central, e o discurso político dominante tem sido o grande agente da inculcação social da imaginação do centro: estar com a Europa é ser como a Europa. Contudo, quando se analisa detalhadamente o interior do centro, é fácil verificar que a realidade segue um caminho diferente do dos discursos. Nos últimos dez anos, a diferença entre os rendimentos nacionais máximo e mínimo no interior da comunidade não se atenuou e, com respeito a alguns índices, aumentou mesmo a distância social entre as regiões mais desenvolvidas e as menos desenvolvidas da comunidade. O modelo de desenvolvimento seguido em Portugal nos últimos dez anos tem maior potencial perifelizante do que centralizante. Assenta na desvalorização internacional do trabalho português, ao optar por privilegiar, entre os sectores de exportação, aqueles que se encontram em crescente processo de desvalorização internacional, como, por exemplo, o sector têxtil. Em consequência, o padrão de especialização produtiva da nossa economia baixou nos últimos dez anos, enquanto o padrão espanhol aumentou. Portugal tem hoje uma das taxas mais baixas de desemprego da Europa, mas tem também uma das mais degradadas relações salariais. Ou seja, privilegiou-se a quantidade do emprego em detrimento da qualidade do emprego, o que é típico dos países periféricos.

Em suma, os sinais de despromoção são mais fortes que os sinais de promoção. Neste contexto, as relações entre Portugal e a Espanha assumem uma acuidade especial. Tal como a promoção do Brasil no sistema mundial correu de par com a despromoção da Argentina, é de perguntar se a promoção incontestável da Espanha, que alguns (o sociólogo Salvador Giner, entre outros) já consideram um país central, não acarretará a despromoção de Portugal. Reside aqui certamente uma das bases sociológicas para o mais recente surto de iberismo (Natália Correia, Eduardo Lourenço, Vasco Pulido Valente, João Palma Ferreira, entre outros). O «federalismo ibérico» está de facto já em curso, mas não por via de renascidas crenças em hispanidades míticas. Decorre, outrossim, em boa medida, da atuação das grandes multinacionais, que estabelecem os seus quartéis gerais em Madrid ou Barcelona e tomam como unidade de ação a península ibérica.

É provável que a integração na UE mantenha dentro de certos limites a despromoção de Portugal, mas não é menos provável que para isso a Europa se desenvolva a três velocidades: países centrais; Espanha; Irlanda, Portugal e Grécia. Se assim for, Portugal consolidará numa nova base a sua posição semiperiférica no sistema mundial. É mesmo possível que dessa posição façam parte certos elementos de continuidade com a relação colonial: Portugal procurando consolidar, agora no âmbito da UE, uma relação privilegiada com as suas antigas colónias, actuando mais uma vez (embora de modo muito diferente) como correia de transmissão entre o centro europeu e a periferia africana de expressão oficial portu-

guesa. Os discursos míticos da vocação atlântica bebem aqui algumas gotas de credibilidade.

1. Il Portogallo è un paese intelligibile.

Il Portogallo è generalmente considerato sia dagli stranieri che dagli stessi portoghesi, un enigma, una società paradossale. Proprio di recente Hans Magnus Enzensberger si è chiesto perché il Portogallo, essendo uno dei paesi meno sviluppati d'Europa, è capace di tanta utopia (dal sebastianismo alla rivoluzione del 25 aprile 1974), al punto che sarebbe certamente una grande potenza in un'«Europa dei desideri» (1987). Molto prima di lui, poco più di cento anni fa, Antero de Quental esclamava in un tono ancor più pessimista: «Mai nessun popolo ha colto tanti tesori, rimanendo allo stesso tempo così povero».

Pur essendo un paese europeo e i portoghesi un popolo affabile, aperto e socievole, il Portogallo è considerato un paese relativamente sconosciuto. Pur essendo un paese con una lunga storia di frontiere aperte e di «internazionalismo» – dalle scoperte del XV e XVI secolo, all'emigrazione degli anni Sessanta –, è considerato un paese esotico, idiosincratico. Mancanza di conoscenza e esotismo sono quindi temi ricorrenti quando si tratta di proporre una valutazione complessiva del paese e della sua gente. Si ritiene generalmente che l'esotismo è la causa della mancata conoscenza. Avanzo l'ipotesi opposta, che sia l'esotismo un effetto dalla non conoscenza. In altre parole, si sa poco sul Portogallo e, pertanto, si considera il Portogallo un paese relativamente esotico.

5. Il Portogallo è una società di sviluppo intermedio. La sua analisi è particolarmente complessa e non è possibile senza un'audace innovazione teorica.

Oltre alle difficoltà istituzionali, le scienze sociali in Portogallo hanno affrontato alcune difficoltà teoriche. Il Portogallo è una società di sviluppo intermedio. Alcune caratteristiche sociali (tasso di crescita della popolazione, leggi e istituzioni, alcune pratiche di consumo, ecc.) lo avvicinano alle società più sviluppate, mentre altre (infrastrutture pubbliche, politiche culturali, tipo di sviluppo industriale, ecc.) l'avvicinano alle società meno sviluppate. Tuttavia le teorie e le categorie analitiche utilizzate dalle scienze sociali per caratterizzare i processi e le strutture sociali sono state create prendendo in considerazione sia le società centrali o più sviluppate (il cosiddetto primo mondo), sia le società periferiche (il cosiddetto terzo mondo) e non sono adeguate nel caratterizzare le società intermedie, come il Portogallo. Se prendiamo in considerazione gli indicatori sociali normalmente utilizzati per contrastare il primo e il terzo mondo (classi sociali e stratificazione sociale; i rapporti capitale/lavoro, i rapporti Stato/Società civile; statistiche sociali; modelli di consumo o di riproduzione sociale, ecc.) si conclude facilmente che il Portogallo non appartiene a nessuno di quei mondi.

In assenza di un'adeguata innovazione teorica, si corre il rischio di analizzare la società portoghese in negativo, per ciò che non ha rispetto sia alle società centrali, sia alle società periferiche. Tale negatività è un'altra forma di mancanza di conoscenza e per questo quindi anche campo fertile di analisi mitiche e di indicazioni di esotismo, che sono, in questo caso, effetti dell'inadeguatezza degli strumenti analitici. L'innovazione teorica punta a catturare la specificità delle nostre pratiche sociali, economiche, politiche e culturali al fine di trasformarle in potenzialità universalizzanti in un sistema globale caratterizzato da una concorrenza inter-statale.

Non si tratta di alimentare nazionalismi reattivi o reazionari, ma di misurare i rischi e identificare – se non addirittura inventare – le opportunità in una dinamica transnazionale sempre più volatile. Nel 1762, Rousseau criticava nel *Contratto sociale* Pietro il Grande di Russia per non aver rispettato l'identità nazionale russa: «Voleva fare i tedeschi, gli inglesi

quando si doveva iniziare a fare i russi; ha impedito ai suoi sudditi di diventare come avrebbero potuto essere, persuadendoli che erano ciò che non sono». È nota la reazione rabbiosa che la valutazione di Rousseau ha suscitato in Voltaire. Tra le posizioni di questi due illustri *philosophes* è necessario individuare la dialettica del nazionale e del transnazionale, del locale e dell'universale. Alla fine, Afonso Duarte l'ha colta in due versi lapidari:

«Voglio essere europeo: voglio essere europeo
In qualche angolo del Portogallo».

7. Il Portogallo è una società semiperiferica. Dopo il ciclo imperiale, sta rinegoziando la sua posizione nel sistema mondiale. Non è possibile che in un prossimo futuro venga promosso al centro del sistema o relegato alla sua periferia. È più probabile che la sua posizione intermedia si consolidi su nuove basi.

Ho menzionato nella tesi n. 5 che l'insieme degli indicatori sociali (nel senso più ampio) conferisce alla società portoghese lo statuto di società di sviluppo intermedio o semiperiferico nel contesto europeo, uno status che condivide con la Grecia, l'Irlanda e, fino a un certo punto, con la Spagna. Le società di sviluppo intermedio esercitano una funzione di intermediazione nel sistema mondiale, servendo allo stesso tempo da ponte e da cuscinetto tra i paesi centrali e i paesi periferici. Il loro modello di specializzazione, per esempio, tende ad essere dominato da produzioni che si svalutano a livello internazionale e che quindi non interessano più ai paesi centrali, come si può paradigmaticamente illustrare con il caso della produzione tessile negli ultimi cinquant'anni.

Nel caso del Portogallo, la funzione di intermediazione ha svolto il suo ruolo per cinque secoli, nell'impero coloniale. Il Portogallo era il centro rispetto alle sue colonie e la periferia rispetto all'Inghilterra. In senso meno tecnico, si può dire che per molto tempo è stato un paese simultaneamente colonizzatore e colonizzato. Il 25 Aprile 1974 il Portogallo era il paese meno sviluppato d'Europa e allo stesso tempo l'unico possessore del più grande e più duraturo impero coloniale europeo.

La fine dell'impero coloniale non ha determinato la fine della natura intermedia della società portoghese, poiché questo era inscritto nella matrice delle strutture e delle pratiche sociali dotate di una forte resistenza e inerzia. Ma la fine della funzione di intermediazione di base coloniale su cui in parte poggiava la natura «intermedia», ha fatto sì che tale natura rimanesse in qualche modo sospesa, in attesa di una base alternativa. Questa sospensione sociale ha permesso che nel periodo dopo il 25 aprile (tra il 1974 e il 1976) fosse socialmente credibile la pretesa del Portogallo di equipararsi ai paesi centrali, e anche in alcuni aspetti, di assumere posizioni più avanzate rispetto alle loro. Nel 1978, il FMI ha distrutto la credibilità di questa pretesa. Da allora, il Portogallo è entrato in un periodo di rinegoziazione della sua posizione nel sistema mondiale, alla ricerca di una base per riempire il vuoto lasciato dal crollo dell'impero. Nei primi anni Ottanta era chiaro che questa base avrebbe avuto come elemento fondamentale l'inclusione nella comunità europea.

Poiché l'Unione europea è il centro di una delle tre principali regioni del sistema mondiale – i centri delle altre regioni sono il Giappone e gli Stati Uniti – l'inclusione nell'unione europea tende a creare l'illusione credibile che il Portogallo, per integrarsi nel centro, passa ad essere centrale, e il discorso politico dominante è stato il principale agente del convincimento sociale dell'immaginazione del centro: stare con l'Europa è essere come l'Europa. Tuttavia, quando si analizza in dettaglio l'interno del centro, è facile verificare che la realtà segue un percorso diverso da quello dei discorsi. Negli ultimi dieci anni, la differenza tra i redditi nazionali massimo e minimo all'interno della comunità non si è attenuata e, per quanto riguarda alcuni indici, ha anche aumentato la distanza sociale tra le regioni più sviluppate e quelle meno sviluppate della comunità. Il modello di sviluppo se-

guito in Portogallo negli ultimi dieci anni ha un maggiore potenziale periferizzante che centralizzante. Si basa sulla svalutazione internazionale del lavoro portoghese, scegliendo di privilegiare, tra i settori d'esportazione, quelli che si trovano in crescente processo di svalutazione internazionale, come ad esempio il settore tessile. Di conseguenza, il modello di specializzazione produttiva della nostra economia è diminuito negli ultimi dieci anni, mentre il modello spagnolo è aumentato. Il Portogallo ha attualmente uno dei più bassi tassi di disoccupazione in Europa, ma ha anche una delle relazioni salariali più degradate. Ossia, è stata privilegiata la quantità di lavoro a scapito della qualità del lavoro, che è tipico dei paesi periferici.

In breve, i segnali di retrocessione sono più forti dei segnali di sviluppo. In questo contesto, le relazioni tra il Portogallo e la Spagna assumono un peso particolare. Così come lo sviluppo del Brasile nel sistema mondiale è andato di pari passo con la retrocessione dell'Argentina, è da chiedersi se lo sviluppo indiscusso della Spagna, che alcuni (come il sociologo Salvador Giner, tra gli altri) considerano già un paese centrale, non porterà alla retrocessione del Portogallo. Qui risiede sicuramente una delle basi sociologiche per il più recente impulso di iberismo (Natália Correia, Eduardo Lourenço, Vasco Pulido Valente, João Palma Ferreira, tra gli altri). Il «federalismo iberico» è di fatto già in corso, ma non attraverso le rinate credenze in mitiche iberità. Deriva, altresì, in larga misura, dall'azione delle grandi multinazionali, che stabiliscono i loro quartier generali a Madrid o Barcellona e prendono come unità d'azione la penisola iberica.

È probabile che l'entrata nell'UE mantenga entro certi limiti la regressione del Portogallo, ma non è meno probabile che per questo l'Europa si sviluppi a tre velocità: paesi centrali; Spagna; Irlanda, Portogallo e Grecia. Se sarà così, il Portogallo consoliderà su una nuova base la sua posizione semiperiferica nel sistema mondiale. È anche possibile che di questa posizione facciano parte alcuni elementi di continuità con il rapporto coloniale: il Portogallo cercando di consolidare, ora all'interno dell'UE, un rapporto privilegiato con le sue ex colonie, avrà la funzione, ancora una volta (anche se in modo molto diverso), di cinghia di trasmissione tra il centro europeo e la periferia africana di lingua ufficiale portoghese. I discorsi mitici della vocazione atlantica bevono qui qualche goccia di credibilità.